

COMEMORAÇÃO DO 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO PROF. RÓMULO DE CARVALHO

Prof. Rómulo de Carvalho - O Homem e o Pedagogo -

Departamento de Pedagogia e Educação e Centro de Investigação em Educação
Universidade de Évora, 15 e 16 de Dezembro de 2006

Rómulo de Carvalho: o homem

Frederico Carvalho

Não é fácil falar sobre “Rómulo de Carvalho — o homem”. Não é fácil, em geral, porque se trata de alguém que resguardava o seu *ser íntimo* mais profundo, do olhar alheio. E não me é fácil, a mim, em particular, pela proximidade da nossa relação que, indo muito para além do natural e esperado afecto entre pai e filho, era e é, marcada por uma profunda admiração, respeito e gratidão, que me fazem recear não ser capaz de escrever sobre o homem com a objectividade que esta contribuição exigiria. Ainda assim vou fazê-lo, procurando, neste aspecto como em outros, seguir modestamente o seu exemplo, e socorrendo-me onde possível das suas próprias palavras.

A família

Começarei pelas relações familiares e, no que a estas se refere, pelas palavras que Rómulo — e sublinho que é dele que falamos — dirigiu à criança de 11 anos que eu era, quando decidiu pôr-me nas mãos, como sempre fez depois, ao longo da vida, com tudo o que publicou, um exemplar da primeira obra de divulgação da história da ciência que deu a público. Trata-se do pequeno volume da Biblioteca Cosmos, com o número 118, de 1947, intitulado “A Ciência Hermética”. “Ciência Hermética”, “Arte Sagrada”, “Ciência Divina”, “Ciência Oculta”, “Arte de Thot” ou “Arte de Hermes”, como se chamou, em tempos remotos — estou a citar— “a Ciência a que hoje damos o nome de Química”.¹

No exemplar que possuo, eis o que leio na folha de guarda que se segue à capa do livro:

“Frederico

Tenho-me esforçado por te educar dentro dos princípios do trabalho, da honestidade e da rectidão de carácter. Pelo exemplo te educo, pois desde que nasceste, que me vês sentado à secretária, entre livros e papéis (o que é uma das fórmulas de trabalhar) ou a transmitir aos outros o que sei ou a apontar-te os defeitos do mundo em que vivemos. Este livro é uma das lições que te quero dar.

Abraça-te o teu pai e amigo

Rómulo

Abril de 1947

O Frederico frequentava na altura o segundo ano, no Liceu Camões, em Lisboa.

A pessoa que porventura mais marcou Rómulo de Carvalho, a criança e o jovem Rómulo, terá sido aquela a quem Rómulo carinhosamente chama nas suas memórias “a Rosinha”, uma mulher extraordinária que foi sua mãe. A ela se refere Rómulo nos seguintes termos:

“Era extremamente compreensiva, conciliadora, apaziguadora e paciente. O seu trato amável e a sua bondade, concediam-lhe uma simpatia que é pouco vulgar encontrar-se, e que atraía as pessoas com quem lidava”

“As pessoas amigas, ou amigas dos amigos, subiam penosamente aquele quarto andar (...) para ver a Rosinha (*que durante anos e anos nunca saía de casa*), conversar com ela, ouvi-la discorrer sobre a política da República que conhecia pelos jornais, sobre a carestia da vida, sobre os membros da família, presentes e ausentes, tudo com grandes espantos, risos e lágrimas.”

“Era uma pessoa admirável essa mulher que por acaso foi minha mãe, a Rosinha”²

Esta última frase chama a atenção e merece um comentário porque é reveladora do modo como Rómulo olhava o mundo e do entendimento que tinha da sua própria existência.

Rómulo apreciava e julgava as pessoas, incluindo as mais próximas, pelo que eram ou pelo que entendia que eram, em si mesmas, com as suas qualidades e defeitos, forças e fraquezas. Desenhava o retrato do outro iluminando-o com uma luz crua sem que isso implicasse ausência de sentimento ou generosidade e sempre com a compreensão de que “cada um é seus caminhos”³ ou como escreve nas memórias “Todos têm razão”. Os traços desse retrato não eram mais nem menos carregados pela ligação afectiva que pudesse existir entre ele, Rómulo, e o retratado. Mesmo, a Rosinha.

Assim ele fala dela, “(d)essa mulher”, e considera-a admirável pelo que é em si mesma, não porque essa mulher fosse sua mãe o que, aliás, logo a seguir, faz notar que o foi “por acaso”. Por acaso da vida. Aliás, em certa passagem das suas Memórias, diz textualmente referindo-se à mãe: “Quando nela penso ou dela falo, com ternura e amor, não é por ter sido minha mãe. Dela diria o mesmo se fosse a vizinha do prédio do lado. Não sou pessoa que me deixe levar pelos deveres familiares, o dever de amar os pais segundo as normas da cartilha escolar do meu tempo. O que me enleva nela não é a minha mãe mas a pessoa dela (...)”⁴.

O poema “Mãezinha”⁵ de Rómulo de Carvalho — digo Rómulo e não Gedeão, provocatória e propositadamente — segundo ele um dos poemas mais sérios que escreveu, embora à primeira vista, pareça jocoso e ligeiro, contem a visão, que é a sua, da vida e da existência dos seres que, como ele, “pobre criatura” — cito as suas palavras na dedicatória da página de rosto das “Memórias” que dirigiu aos seus “queridos tetranetos” — “pobre criatura — dizia — (...) entre milhares de milhões de outras, vaguearam por este mundo na última centúria do segundo milénio da era de Nosso Senhor Jesus Cristo”⁶

Sobre a intenção com que escreveu este poema “Mãezinha” que alguns acham simplesmente divertido e outros fruto de um “sentimento piegas e familiar”⁷, esclarece, Rómulo de Carvalho, que, com ele: “Quis (...) fazer estremecer com crueza o mito da mãe, e pôr em relevo tudo quanto há de aleatório, de intrinsecamente e pungentemente accidental, de divertido e de ridículo na origem de cada um de nós” E acrescenta: “Pretendi incomodar o leitor retirando toda a face transcendente que é colada à figura das mães. E mostrar como a nossa mesquinha situação humana nos prende sentimentalmente a um ser apanhado ao

acaso, por uma sucessão de actos eliminatórios, sem escolha, nem grandeza”.⁸ Não se pode ser mais claro. A prisão sentimental existe mas a razão coloca-a no seu exacto lugar.

Creio poder dizer que Rómulo se considerava ou se compreendia como *acidente natural*, um intervalo, um momento insignificante do universo, aquele — este — universo “feito essencialmente de coisa nenhuma”⁹. Seria um pequeno grão da matéria restante desse espaço vazio de onde surgira e onde voltaria confundir-se, e contudo nessa “insignificância gratuita e desvalida” do ser, cabia “o universo com nebulosas e tudo”¹⁰ e o sentido de pertença e de ser parte de algo que fluía, que tinha um passado e um futuro.

Esta consciência do devir que envolve a natureza e o homem, mostra-se constantemente na sua obra. Recordo uma passagem particularmente inspirada da obra já referida atrás — “A Ciência Hermética” — em que, a propósito da questão de saber onde termina a Arte Sagrada e começa a Alquimia, diz que não é pergunta a que possa dar-se resposta, e observa: “Momento a momento se muda o aspecto das coisas. Sem sentirmos, tudo quanto era transforma-se no que é. Em cada instante está presente o passado e o futuro de todas as coisas.”¹¹

Rómulo procurou apaixonadamente conhecer e dar a conhecer o passado, o passado colectivo da sociedade dos homens mas também as suas próprias origens e raízes pessoais. No que a estas se refere, procurou, por vários caminhos, e pôde colher informação sobre a sua ascendência “gente plebeia e sem história” — faz notar —, e fê-lo por gosto pessoal, admitindo mesmo que isso pudesse não interessar a mais ninguém. Diz, textualmente: ” Por deleite pessoal aproveitei-me da memória de quantos familiares conheci para lhes perguntar quem tinham sido seus pais, e os pais dos seus pais, e seus irmãos e parentes, e de tudo recolhi as notícias que me deram”. Em alguns casos conseguiu recuar neste labor até meados do século XVIII, aquele mesmo período da História a que, noutro plano, dedicou a parte principal do seu trabalho de investigação da actividade cultural no nosso país.

São notáveis as referências que faz a seus avós, todos algarvios, à excepção do avô materno, que algo misteriosamente desceu da raia transmontana até à ria de Faro por volta de 1870. Este pertencia àquela a que meu Pai chama “a tribo dos Oliveiras” e provinha duma pequena aldeia de nome Couto de Ervededo. Fora um couto, e os conhecedores da história sabem o que isso significa. Sobre isto faz Rómulo o seguinte breve comentário, que denota a sua erudição: “ (...) parece ter sido Ervededo o lugar do país onde, pela primeira vez, (...) no século XIII, se criou a indústria da seda, depois alargada à região de Trás-os-Montes”. E acrescenta: “Talvez daqui se conclua qual a natureza da estirpe dos Oliveiras: ex – ladrões e ex – assassinos submissa e melancolicamente ocupados a fiar seda com as mãos calosas”. O rasto da tribo dos Oliveiras foi encontrado pelo tio, irmão da Rosinha, de nome António Coelho de Oliveira, filho, portanto, do avô materno de meu Pai, tio e padrinho ao qual o ligava um profundo afecto, que o levaria mais tarde na vida a escolher o nome de baptismo do poeta Gedeão (“Guardo enternecida lembrança deste meu tio e padrinho, que era uma daquelas pessoas que nunca deviam ter morrido”¹²). Isto passava-se em 1925. No ano seguinte, Rómulo, então com 20 anos, acompanhou o tio numa segunda viagem de exploração do passado, às terras de Ervededo, para conhecer os seus parentes e as condições em que viviam. Fala do que viu dizendo: “Era miserável a vida daquela comunidade, na alimentação, no vestuário e na habitação”.

Rómulo conheceu pessoalmente o avô paterno, Sebastião Jaime da Gama Carvalho, natural de Tavira, o primeiro portador do nome de família — Gama Carvalho — que hoje ainda sobrevive nos trisnetos do avô Sebastião. Deste homem que foi organista, mestre de capela da Sé Catedral de Faro, professor de música e compositor de música sacra de grande mérito, segundo a imprensa da época, diz meu Pai: “(...) gostei muito de o ter conhecido. Fui a Faro por mais de uma vez passar as férias grandes no meu tempo de estudante e era em casa dos meus avós que me aboletava. (...) Quando o conheci tinha o cabelo já branco, sobranceiras e bigode brancos e fartos. Impressionou-me a ternura dos seus olhos e recordo-o com muito carinho, pela sua bondade, pelos seus olhos e pela modéstia do seu fato preto.”¹³

O pai de Rómulo, José Avelino da Gama Carvalho fixou-se em Lisboa e foi toda a vida funcionário dos Correios e Telégrafos, ele e os quatro tios de Rómulo, três irmãos do Pai e António, irmão da Rosinha. A Administração Geral dos Correios e Telégrafos parece ter sido, aliás, na viragem do século XIX para o século XX, um dos grandes empregadores nacionais. Em 1906, quando Rómulo nasceu, o pai era 2º Aspirante, com diploma passado pelo Senhor D. Carlos, “rei de Portugal e dos Algarves, etc.” (sic) e chegaria a Chefe da Secção de Pessoal da Administração Geral dos Correios e Telégrafos. “Em casa de meus pais — conta Rómulo — vivia-se com todo o rigor no que respeitava aos gastos. Era tudo por conta e medida, sem largueza, mas sem privações.” Rigor necessário para gerir uma economia doméstica que dependia de alguns proventos adicionais mais ou menos precários que o pai, de diversas maneiras, ia conseguindo. Em relação a si próprio e à economia do seu agregado familiar, Rómulo, queixa-se da modéstia das remunerações que auferiu ao longo da vida na sua qualidade de professor do ensino liceal, e faz notar que “(...) foram os livros que publiquei, os compêndios escolares, que me proporcionaram, economicamente, o descanso de alma em que tenho vivido”. Recordando a casa do pai, diz: “Para o meu pai foi o canto que lhe deu a achega necessária para o equilíbrio financeiro da sua vida doméstica”.

Com efeito, o pai, na esteira do que já sucedia com o avô Sebastião, “(...) sabia música, sabia ler, de imediato, nas pautas impressas e manuscritas, o que nelas estava escrito, entoando a composição como se lesse o jornal. Não tocava nenhum instrumento mas cantava, e a sua voz era muito apreciada”. Em Lisboa, “fez parte do corpo privativo de cantores da Sé que actuava nas grandes solenidades a que assistia a família real.”¹⁴ Diz ainda Rómulo que não faltavam ao pai, “durante o ano, os convites para participar nas festividades religiosas em muitas localidades de província “ algumas até bem distanciadas de Lisboa. Nesta cidade de Évora, por exemplo, de que conserva um recorte do jornal “Notícias de Évora”¹⁵ de 16 de Março de 1918, em que se anuncia o início das festas do septenário da Virgem das Dores, e onde se informa que “(d)a capital vem o apreciado soprano sr. Gama Carvalho”.¹⁶ Rómulo acompanhou o pai em muitas dessas deslocações e dá conta do “gosto imenso” com que o fazia, o prazer da “viagem, a visão de novas paisagens, de campos cultivados, de homens e de mulheres que neles labutavam, de águas correntes, de outros sons, de outras vozes, de outros ecos”. Esta curiosidade, este interesse de Rómulo pelo mundo, o encantamento que lhe proporciona a visão da natureza e o encontro com a gente viva que a habita e a trabalha, está presente e marca toda a sua vida.

Rómulo de Carvalho era “muito exigente, mais até — afirma — comigo próprio do que com os outros.”¹⁷ Em certas situações mostrava-se, no seu comportamento, de uma total intransigência. É o caso dos chamados “favores” que se solicitam ou “cunhas” que se metem, e a que como professor esteve sujeito em numerosas ocasiões. A este respeito,

comenta: “Trata-se de uma instituição que, se não for universal, é pelo menos nacional. Passa-se um exame por cunhas, arranja-se um emprego por cunhas, consegue-se um lugar num asilo por cunhas, escapa-se da pena de um tribunal por cunhas, etc., etc..” E esclarece: “Eu fui conhecido, nos meus quarenta anos de actividade profissional, por ser inacessível a cunhas. Viessem donde viessem dei sempre as minhas decisões segundo a minha consciência.”¹⁸ Tem interesse referir a este propósito que a saída do Liceu Camões, onde ensinou durante 14 anos, ocorrida em 1948, e a mudança para o Liceu de Pedro Nunes, que procurou e alcançou, e onde leccionou durante dois anos, até ser nomeado em comissão de serviço para o Liceu D. João III em Coimbra, então único Liceu Normal do país, foi determinada pela reacção violenta do então reitor daquele liceu, do Liceu Camões, à reprovação por Rómulo de um aluno que lhe estava “recomendado”. Tratava-se de um aluno que o “senhor reitor” havia incluído na lista de “alunos que muito lhe agradaria ficarem aprovados”. Era através da própria secretaria do liceu que os nomes eram dados a conhecer aos professores que iriam examinar os alunos. Isto no contexto daquilo que Rómulo de Carvalho designa como “um serviço organizado de cunhas que (havia) no Liceu Camões, e possivelmente em muitos outros, com carácter quase oficial.” Rómulo, chamado á presença do “senhor reitor” foi admoestado por este e decidiu mudar de Liceu na primeira oportunidade que se lhe oferecesse, o que felizmente aconteceu logo no ano lectivo seguinte.¹⁹

É neste quadro de valores, neste posicionamento moral, que devem ser vistos os comentários de Rómulo a certas atitudes do pai. Diz ele, referindo-se à nova situação familiar criada pela subida de posto do pai na Administração Geral dos Correios e Telégrafos: “A ascensão de meu pai (...) proporcionou-lhe umas gratificaçõezinhas e uns contactos pessoais de que retirou benefícios”. E explica: “Uma das funções que passou a desempenhar (no novo) cargo foi a de participar nos júris das provas de exame dos candidatos a carteiros. Assim se viu meu pai servido por uma corte de gente socialmente humilde da qual faziam parte muitos provincianos que em vez de emigrarem para as Américas vinham para Lisboa e sonhavam com uma vida melhor.” Esses candidatos a carteiro tinham, pelo menos, uma prova escrita e assim, acontecia — diz Rómulo — que “os homens que iam fazer exame passavam primeiro pela minha casa, secretamente, em sessões de treino”.: “Aquilo já constava — continua. Um candidato dizia ao ouvido de outro que fosse ter com o senhor Gama que ele dava um jeitinho. E dava mesmo. É claro que tudo se paga. Aqueles homens da província tinham umas leiras de terra, umas vinhas, uns pomares, e nunca se esqueciam do senhor Gama. Se se esqueciam o senhor Gama lembrava-lhes.” Era assim.

Entretanto, continua Rómulo: “A minha mãe e eu não gostávamos nada destas cenas.” A mãe ralhava com o pai “quando o candidato saía da lição”, e “eu — diz Rómulo — que involuntariamente, por instinto, já tinha um código de comportamento muito escrupuloso, ficava amuado.” Com tudo isto, e apesar disto, considerando embora que “a censura ao comportamento de meu pai é merecida” acrescenta que ela “fica muito atenuada se a inserirmos no quadro geral da vida que se vai desenrolando aos nossos olhos no decurso dos anos. Ele — o pai — era um modesto funcionário que tirava proveito do que tinha mais ao alcance das mãos, mas desde a Presidência da República, até ele, e daí para baixo, com maior ou menor habilidade ou descarado, todos faziam (e fazem) o mesmo, com o devido respeito pelos inocentes e ingénuos que nunca se adaptaram a tais modelos de comportamento.”

O pai Gama, pessoa de poucas palavras, na aparência “indiferente, insensível ao que se passava em seu redor”, porventura por sentir acanhamento em descobrir os seus sentimentos, tinha uma verdadeira devoção pela Rosinha. Um amor erguido até á devoção

que é a palavra usada por Rómulo. Esse homem de quem o filho não se recorda de alguma vez ter recebido uma carícia, mostrava o seu afecto à distância de forma por vezes surpreendente que revelava uma viva sensibilidade. Rómulo dá conta daquela vez em que “ele teve que ir a Évora, e de lá mandou uma carta, e dentro da carta vinha um poema, um acróstico, dactilografado, dirigido a mim, que era seu filho querido, e tinha sete anos. Era assim o poema:

*Rapaz vivo e inteligente,
O enlevo de toda a gente,
Menos de oito anos tem,
Um eterno falador.
Lendo sempre com amor
O livro que à mão lhe vem.*

Repare-se — continua Rómulo—em como as primeiras letras dos seis versos formam o meu nome, e o texto decorre sem esforço, fluente e bem ritmado (...).”

Entretanto, continua Rómulo: “(...) embora enviasses os versos por carta, de longe, não teve mesmo assim coragem para acrescentar o seu nome ou o seu título de pai por debaixo do que escrevera.” Mas como também não lhe parecia correcto que o papel seguisse assim, sem mais nada, teve uma ideia e, diz Rómulo, “escondido atrás dela, sentiu-se então capaz de manifestar o seu amor pelo filho que muito estimava. Assinou “Votre Père” “Conservo esse papel”²⁰, termina Rómulo.

Vejo este pudor ou acanhamento do pai Gama em descobrir os seus sentimentos e a sua sensibilidade mais íntima, presentes também no filho Rómulo, e — porque vem a propósito, o digo — no neto Frederico.

Os amigos

Rómulo (provavelmente, como toda a gente) teve poucos amigos verdadeiros, *amigos -irmãos*, seres que se ligam incondicionalmente ao nosso ser, por laços que perduram e duram uma vida. A este propósito, diz Rómulo: “É interessante apreciar como escolhemos, seleccionando, os nossos companheiros de vida. Fazemo-lo movidos por forças íntimas, espontâneas, sem elaboração mental. E é logo assim desde crianças.”²¹

Teve, entretanto, esses amigos verdadeiros, e disso dão testemunho as suas Memórias: “Tive amigos excelentes. Através deles me fui conhecendo a mim, e as virtudes e os defeitos deles, eram os meus defeitos e as minhas virtudes.”²²

As primeiras grandes amizades datam da segunda metade da década de 20 (1925-1930), houve outras depois mas escassas e porventura não tão marcantes, com uma ou outra excepção.

Rómulo confia-nos ter pertencido “àquele grupo de seres que não se identificam com as massas” mas também “não queria estar só, a roer as unhas num recanto do mundo (,,,)”. Desejava estar “acompanhado, pensando, conversando e discutindo, com aqueles poucos que as minhas exigências seleccionavam.” Rómulo “recorda com a máxima ternura” esses amigos dos anos 20, que foram três, todos diferentes nas suas características pessoais mas tendo — diz-nos — tendo todos “de comum serem bem educados, honestos, escrupulosos e um pouco tímidos”. “Tínhamo-nos seleccionado mutuamente por afinidades naturais que foram emergindo da multiplicidade dos temperamentos que nos rodeavam, mas eu era de todos o mais diversificado, porque busquei em cada um a parcela que me agradava cultivar.”

Carlos, futuro advogado, era “o amigo da face literária.” Líamos um ao outro os nossos versos, comentávamo-los com sinceridade e dávamos pancadinhas nas costas para nos consolarmos quando a crítica era desfavorável.” Carlos tinha poesias novas todos os dias; Rómulo, só de vez em quando. Carlos era “um republicano dos quatro costados, moldado pelos discursos incandescentes dos coriféus da Iª República (...)”. Rómulo acompanhava-o com reticências porque, diz, “era mais avançado do que ele.” Em 1928, Carlos, ainda estudante universitário, ingressou na luta política contra a ditadura, participando no semanário “Liberdade” fundado por jovens republicanos e do qual Carlos foi chefe de redacção. O semanário que se anunciava como “órgão académico republicano” durou até 1936. Rómulo dá-nos conta de que “logo no primeiro número a apresentação do jornal foi feita pelo António José de Almeida, elevadíssima honra para os jovens estudantes” e nele vieram a colaborar, entre outros, Bernardino Machado, Magalhães Lima e Teixeira Gomes. Rómulo escreveu uma única vez no semanário “Liberdade”, em 1930, comentando a propósito que “nunca me seduziu escrever em jornais e tive sempre muito pouca fé nos homens.”

Sérgio, outro dos amigos, “na primeira fila dos de mais estima”, diz Rómulo, era rapaz, “muito tímido mas sentia-se à vontade ao pé de mim, e isso dava-lhe grande alegria por não ser pessoa convivente. (...) Era-lhe difícil encarar alguém e penso até que a si próprio. Creio que estou a interpretá-lo bem” — diz Rómulo. Com Sérgio, “este admirável rapaz (que) foi meu companheiro de estudo no liceu”, com Sérgio, escreve Rómulo, “pensei e aprofundi a política; em comum debatemos, dia a dia, o futuro dos homens. Gizámos e desencadeámos devastadoras revoluções sociais naquele pequeno quarto (o quarto do Sérgio, em casa deste), à sombra da bandeira vermelha da foice e do martelo. Eram comunistas as nossas tendências — informa Rómulo — e por isso nos entendíamos bem, arrasando o capitalismo, lendo e comentando o jornal operário de então “A Batalha”. Falávamos em voz baixa — continua — por causa dos vizinhos e não conservávamos em nossas casas nenhuma das publicações clandestinas que nos chegavam às mãos”. Passava-se isto, deduzo eu, por volta de 1924-25, mas não posso precisar. Sérgio “apesar da sua timidez, colaborou muito no “Liberdade”, quase em todos os números, e era — conclui Rómulo — “homem para se sacrificar pelos seus ideais de justiça social.”²³

O terceiro do grupo, “da mesma selecção rigorosa” sublinha Rómulo, chamava-se João, e foi oficial de marinha. “Não lhe interessava a literatura nem a política, mas tinha um grande fraco pela força física. Era com ele — recorda Rómulo — que eu fazia ensaios de luta greco-romana, que dava cambalhotas e piruetas de ginasta. Era o companheiro dos espectáculos de circo no Coliseu a que assistíamos ansiosos nos degraus da geral chamada “de pontapés nas costas”, que era o lugar mais baratinho.” O João inclinava-se também para o belo canto e ambos eram frequentadores assíduos da ópera nas temporadas anuais. Ambos se encantavam com os grandes intérpretes. Rómulo em especial pois, como diz, “tinha pretensões de cantor” que satisfez em várias ocasiões, em serões que tinham lugar em sua casa que era a casa dos pais, em serenatas pelas ruas de Lisboa, debaixo de varandas escolhidas, e no teatro, em revistas estudantis, para as quais escreveu quadros originais.

Estes foram os amigos íntimos da juventude, mas além destes, que eram “os íntimos, os do coração — diz Rómulo — tive muitos outros distribuídos numa extensa escala de valores”.

Ao longo da vida, e mesmo já adiantado nos anos, cultivou amizades com colegas de profissão e outras pessoas de diversas origens e condições, profissionais e sociais, mas

creio que em caso algum se afastou dos padrões de exigência que a sua natureza muito cedo lhe impôs.

Rómulo tinha uma qualidade que não é, a meus olhos, frequente entre nós: a capacidade de reconhecer e apreciar os méritos alheios e exprimir esse reconhecimento pela palavra, escrita ou falada. Um exemplo disso é a forma como fala de Jorge de Sena e a ele se dirige. As cartas de Rómulo de Carvalho a Jorge de Sena são interessantíssimos documentos, testemunho do relacionamento de dois homens excepcionais que mutuamente se admiram e respeitam. Sobre Jorge de Sena, diz Rómulo: “A introdução às Poesias Completas que, pela ressonância que teve entre os críticos nacionais, foi apelidada, por Jorge de Sena, de escandalosa, fortaleceu a nossa amizade comum e, de mim para ele, a admiração que sempre dediquei a essa figura ímpar das nossas letras.”²⁴ Sobre as cartas que ele, Rómulo, dirigiu ao primeiro diz que “como é patente, não têm outro interesse que não seja o de servirem de deixa às que me foram dirigidas”.²⁵ Este comentário, que se diria inspirado num sentimento de modéstia, tem a meu ver outra origem revelada também em diversas passagens das suas “Memórias”: a apreciação do valor numa escala que Rómulo definira e consolidara ao longo do tempo, uma escala de valores que era a sua e que procura aplicar a si próprio e aos outros com objectividade, sem nenhum preconceito quanto ao resultado final traduzido num posicionamento relativo que lhe pode ser mais ou menos favorável. Aliás, pode perguntar-se se a modéstia, mesmo não sendo falsa, deve ser considerada virtude e não olhada como o defeito que se traduz na incapacidade de avaliação objectiva do próprio valor.

Ainda a Jorge de Sena, agora dirigindo-se ao próprio, diz: “A sua poesia comunica um sentimento de dignidade que obriga a respeitá-la. É profundamente séria, cheia da própria gravidade da existência. Sinto, ao lê-la, a responsabilidade de viver, e um como que passo grave e cadenciado a percorrer as linhas do poema. Gosto; e é tudo. Muito obrigado pelo prazer que me deu (...)”.²⁶

Acredito que Jorge de Sena pertencia àquela “irmandade do espírito” dos criadores de cultura a que Rómulo se sentia ligado.

Outro exemplo. Do Professor Vieira de Almeida, de quem foi aluno, diz: “Homem de inteligência vivíssima e palavra sedutora (...). Apreciei-o muito”.

Em diversas oportunidades, ao longo da vida encontrou, relacionou-se, com homens em quem reconheceu qualidade e que respeitou.

Fala dos colegas professores do Liceu D. João III, em Coimbra, “de muito merecimento com quem estabeleci relações de amizade”, como António Figueiredo, Saavedra Machado, Martins de Carvalho e até mesmo a nível universitário, afirma, ter tido muito bom relacionamento com “mestres de nomeada com destaque para o Professor Joaquim de Carvalho em cuja Revista Filosófica colaborei”.

Trinta anos mais tarde (1985) é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e diz “Na primeira sessão em que estive presente, Pinto Peixoto elogiou-me sem reticências e Orlando Ribeiro pediu a palavra para sublinhar o que ouvíramos. Devo-lhes muitas atenções”. Quando é nomeado sócio efectivo, em 1992, faz o elogio “muito merecido” de Luís de Albuquerque.

No que à sua poesia se refere, que foi aliás, a meu ver, geralmente mal recebida e mesmo maltratada nos meios literários, onde continua a não ter ainda hoje o reconhecimento correspondente à aceitação, espontânea e mesmo muitas vezes comovida, de que é alvo

em outros meios, Rómulo refere críticas e críticos. Entre estes, destaca Óscar Lopes, a respeito do qual diz: “Particularmente grata me foi a leitura da crítica de Óscar Lopes, no “Comércio do Porto”, de 23 de Abril de 1968, por vir de uma pessoa por quem nutro elevada consideração, pelo seu trabalho, pela sua modéstia, pela sua conduta pública.”²⁷ E, em outra oportunidade, acerca de uma primeira apreciação de Óscar Lopes, à sua poesia, escrita em 1958, refere-se ao crítico com estas palavras: “Trata-se de um homem de elevada formação intelectual, sabedor do seu ofício de mestre na divulgação da cultura.” Interessa salientar que nessa apreciação, o parecer de Óscar Lopes a respeito da poesia de António Gedeão “é cheio de reticências” o que de nenhum modo afectou a consideração expressa por Rómulo.²⁸

Quando Rómulo avaliava outros com a objectividade que desejava ter e de que acreditava ser capaz, procurava olhar sob vários ângulos esses outros, nos seus aspectos mais brilhantes e menos brilhantes. Sem esquecer o seu próprio posicionamento na escala de valores que estabelecera. É assim que, depois de explicar longamente o complicado processo de avaliação a que um candidato a professor dos liceus era sujeito no tempo em que ele próprio iniciou a carreira, faz o seguinte comentário surpreendente: “ (...) posso-vos garantir que depois de terem sido filtrados através de todas estas barreiras, havia professores péssimos neste grau de ensino. Essa a razão porque fui sempre considerado um professor distinto. A abundância de médiocres tornou-me distinto. Se todos fossem bons não teria dado nas vistas”²⁹.

A dor de existir e a expressão poética

A poesia de Rómulo de Carvalho mostra o mundo interior de um homem em que a *dor de existir* acompanha o sentimento de inadaptação ao mundo mas em que, ao mesmo tempo, se contem uma invulgar capacidade de análise crítica da sociedade em que viveu e de que foi observador atento, e dos comportamentos que nela se verificavam, bem como o desejo e o talento de transmitir aos outros de uma forma clara e sugestiva, e numa linguagem simples, as contradições, a hipocrisia e os erros que, a seus olhos, marcam esses comportamentos, dos mais inocentes àqueles cujas marcas contaminam o futuro colectivo da Humanidade. São, a meu ver, as duas faces principais que se espelham na sua prosa poética. A segunda tem um eminente valor pedagógico que está presente com maior ou menor intencionalidade mas sempre com pertinência em toda a obra de Rómulo de Carvalho inclusive na sua obra poética.

Em carta a Jorge de Sena, de Dezembro de 1963, Rómulo (a carta é assinada por Rómulo de Carvalho) explica-se sobre a sua escrita poética da seguinte forma.³⁰

“Escrever poemas foi sempre para mim um estado de angústia, um sofrimento autêntico. Amontoei todo esse sofrimento durante anos até ao dia em que por motivos diversos me desfiz dele por completo na ingénua presunção de que me estrangulava.” Quer dizer: que presumia calar assim a sua voz interior e com ela o sofrimento a que dava expressão. “Sobre isso se passaram vinte anos. Após eles, por razões tão aflitivas como as que me tinham conduzido ao suicídio, tive uma trágica conversa comigo mesmo, a sós, e resolvi nascer de novo.”

Nesta altura Rómulo já publicara três livros de poemas e faz notar que os poemas do primeiro livro foram “escritos, e acontecidos” nos meses que precederam a publicação, e que “os poemas dos livros seguintes foram escritos, e acontecidos, nos intervalos das publicações.” Repare-se na expressão “escritos, e acontecidos”: a poesia de Gedeão não

era simplesmente escrita. Acontecia. E “acontecia”, diz Rómulo, “porque os poemas nascem-me sempre em público, na rua, no cinema, nas aulas”, acrescentando que, por isso, “nem sempre (tem) oportunidade de os escrever. Depois passam-me. Tenho de exigir de mim mesmo o escrevê-los porque senão fico sem eles.”

Na mesma carta em que responde a um “questionário” de Jorge de Sena, Rómulo, manifesta querer referir-se a “um pormenor fora do seu questionário”, diz. E o *pormenor* é este: “Eu costumo ter intenção em tudo quanto faço. Tenho insistido em certo ritmo de verso, em certo trabalho de rima, em certa medida —ou seja, métrica —, tudo por calculada tenção didáctica.” Aqui está a voz, a mesma voz do professor que imagina e constrói no laboratório de Física os instrumentos didácticos que melhor permitam abrir a inteligência dos seus jovens alunos ao conhecimento das leis da natureza.

E continua, na carta, desenvolvendo um pouco mais o tema: “A mentalidade pouco trabalhada do nosso público precisa de engodo para ser trazida até nós. Depois de inclinada para a nossa expressão poderá entender-nos de outros modos. Tenciono alargar bastante as regras da minha poesia, mas não do todo porque sou um espírito eminentemente didáctico.” E termina: “É por didactismo e não por amor da tradição, que insisti em formas clássicas da poesia.”

Não creio que a poesia de Rómulo possa ser vista, toda ela, de uma única perspectiva, nas suas raízes, na sua forma e no seu conteúdo. E é difícil acreditar que toda ela tenha sido gerada num “estado de angústia, de sofrimento autêntico”. Tê-lo-á sido em muitos casos mas talvez, como nos ensina a Mecânica Quântica, se possa reconhecer mais do que um estado na poesia que Rómulo escreveu,

Rómulo confessa que “desde jovem (se) sentiu desajustado de tudo”³¹ e ao fazer 80 anos, ainda “sólidos”, verificando que a sua “natureza física” lhe permitia “viver com aprumo e aguentar-se de pé quando os vendavais sopram”, mas —“sem nenhum gosto nisso” — escrevia: “ (...) não nasci com vocação para ser vivo.”³² É verdade: sem vocação para a vida. Olhando a obra de Rómulo e a marca que deixou entre nós —a respeitável *pégada cultural* do homem, multidimensional —não faltará quem se surpreenda e discorde. Mas enfim, “cada um é as suas razões” — Rómulo *dixit*. Ou se preferirem: “Cada um é seus caminhos/ Onde Sancho vê moinhos/ D. Quixote vê gigantes (...)”³³.

A Rosinha, considera Rómulo, tê-lo-ia mal preparado para a vida. “O comportamento de minha mãe marcou-me muito, não as lições ou os conselhos organizados que não saberia programar, mas o seu dia a dia, o seu repúdio visceral pelas injustiças, a sua condolência pelo sofrimento alheio, a sua necessidade de ser útil, de ajudar o próximo e o distante, a sua benévola compreensão das fraquezas estranhas.” E faz seguir este elogio da mãe de uma amarga crítica dos comportamentos que a vida atravessou no seu caminho: “Ela devia ter-me ensinado a ser cínico, a ser violento, a não ter escrúpulos, a saber aproveitar-me das pessoas e das situações e de tudo isso tirar proveito. Devia ter-me ensinado a ser como toda a gente, a pôr os meus interesses acima de tudo, a dissimular, a mentir, a atropelar o direito dos outros, a impor a minha vontade, a exercer o meu domínio.” E conclui deste modo: “Ela, coitadinha, não teve culpa, não sabia educar para a vida nem estava a pensar nisso, mas mesmo que ela morresse quando me deu à luz eu tinha que ser parecido com ela. Está tudo nas células, na irresponsabilidade das células que já tinha em mim.”³⁴ E é de algum modo em consonância com esta conclusão que afirma: “O mundo não é bom nem é mau. É.”³⁵

Era este Rómulo — o homem.

Que afirmava não se dar com intelectuais, que nos diz ter sido sempre “o amor” o “estímulo profundo de todos os momentos da (sua) vida”, e o ser “útil a alguém” o “móbil da (sua) existência”, que por amor escolheu ensinar os jovens adolescentes, ávidos de compreensão da natureza e do mundo, e disso afirma nunca se ter arrependido.

15 de Dezembro de 2006

- ¹ “A Ciência Hermética”, Biblioteca Cosmos, Direcção do Prof. Bento de Jesus Caraça, Nº 118 1ª Secção – Nº55 - Ciências e Técnicas e) Filosofia e História da Ciência, Edições Cosmos, Lisboa, 1947, p.7. Reeditado por “Relógio d’Água Editores em 1996
- ² in “Memórias”, pp. 172-173
- ³ “Impressão digital” (1956), in “António Gedeão. Obra poética”, Edições João Sá da Costa, 1ª ed. Lisboa 2001, p.13
- ⁴ in “Memórias” p.109
- ⁵ “Mãezinha” (1967), in “António Gedeão. Obra poética”, Edições João Sá da Costa, 1ª ed. Lisboa 2001, p.129
- ⁶ in “Memórias” p.1, Dedicatória aos “seus tetranetos”
- ⁷ Carta a Jorge de Sena in “Obra completa”, Relógio d’Água, Lisboa, 2004, p-324
- ⁸ ibid.p.325
- ⁹ “Máquina do Mundo” (1961), in “António Gedeão. Obra poética”, Edições João Sá da Costa, 1ª ed. Lisboa 2001, p.88
- ¹⁰ “Amostra sem valor” (1961), in “António Gedeão. Obra poética”, Edições João Sá da Costa, 1ª ed. Lisboa 2001, p.86
- ¹¹ cf. Ref. 1, p.15
- ¹² in “Memórias”, p.67
- ¹³ ibid. p.139
- ¹⁴ ibid. p.146
- ¹⁵ Jornal “Notícias de Évora” que ficava na Rua dos Mercadores, 24 e 26, publicou versos de infância de Rómulo, e poesia da irmã Noémia, 9 anos mais velha, de quem chegou a editar um livro intitulado “Maria da Saudade”, poemeto em quatro cantos (Dezembro de 1917). Cf. “Memórias” pp. 204 a 206
- ¹⁶ ibid. p.148
- ¹⁷ Carta a Jorge de Sena in “Obra completa”, Relógio d’Água, Lisboa, 2004, p-322
- ¹⁸ in “Memórias”, p.438
- ¹⁹ in “Memórias”, pp.438-439
- ²⁰ ibid, pp.122-123
- ²¹ ibid, p.274
- ²² ibid, p.275
- ²³ ibid, p.280
- ²⁴ in “Breves palavras sobre as minhas relações com Jorge de Sena”, “Obra completa”, Relógio d’Água, Lisboa, 2004, p-309
- ²⁵ ibid. p.309
- ²⁶ Carta a Jorge de Sena in “Obra completa”, Relógio d’Água, Lisboa, 2004, pp. 314-315
- ²⁷ in “Memórias”, p.1014
- ²⁸ ibid. p.902-903
- ²⁹ ibid. p.403
- ³⁰ Carta a Jorge de Sena in “Obra completa”, Relógio d’Água, Lisboa, 2004, pp. 320-21
- ³¹ in “Memórias”, p.335
- ³² ibid, p.247
- ³³ “Impressão digital” (1956), in “António Gedeão. Obra poética”, Edições João Sá da Costa, 1ª ed. Lisboa 2001, p.13
- ³⁴ ibid, p.335-336
- ³⁵ ibid, p.212